

EDITORIAL

Soberania pela Ciência

Espaçonaves e computadores, resultado do conhecimento acumulado pela Humanidade, levaram o homem à Lua em 1969, passo inicial para alcançar os limites do cosmos. Da mesma forma, no final do século 15, com o saber irradiado pela mítica Escola de Sagres, novos navios e instrumentos náuticos conduziram o homem “Por mares nunca de antes navegados, Passaram ainda além da Taprobana”^(*) – como mostra a Seção de Filatelia desta edição.

Esses eventos destacam a importância do conhecimento para uma nação que se pretende soberana, em especial para suas Forças Armadas, o que impõe investir em Ciência, Tecnologia e Inovação (CT&I). No Brasil, o Poder Naval, com meios navais, aeronavais e de fuzileiros navais intensivos em tecnologia, foi e continua sendo importante para sua defesa, devido ao extenso litoral e às bacias hidrográficas, pois por mares e rios consolidou sua expansão, foi invadido e expulsou invasores, assegurou a emancipação política e a integridade do território, teve papel importante nos conflitos descritos na nossa História e hoje, representado pela Marinha do Brasil (MB), constitui, junto com o Exército Brasileiro e com a Força Aérea Brasileira, valioso instrumento dissuasório para a defesa da Pátria, contribuindo também para a Política Externa e o desenvolvimento econômico e social do nosso País.

Entretanto, para dissuadir eventuais oponentes é preciso contar com meios no estado da arte, obtidos pelo conhecimento autônomo, sem depender de aliados, que podem mudar de posição a qualquer momento, o que impõe in-

vestir em CT&I. Assim, nesta edição, além do texto que prossegue a narrativa do processo de nossa emancipação política, do regresso de D. João ao Dia do Fico, a entrevista com o Almirante de Esquadra Petronio Augusto Siqueira de Aguiar, Diretor-Geral de Desenvolvimento Nuclear e Tecnológico da Marinha, e alguns artigos mostram que a MB muito tem feito pela “independência” brasileira em CT&I.

Os meios no estado da arte, todavia, precisam ser operados e apoiados por militares e servidores civis capacitados e que cultivem nobres valores, pois, conforme uma inspiradora frase que existia nas paredes da Escola Naval, “Mais valem homens de ferro em navios de pau que homens de pau em navios de ferro”.

Durante a Batalha Naval do Riachuelo, em 11 de junho de 1865, “homens de ferro” como o Chefe de Divisão Barroso, o Guarda-Marinha Greenhalgh e o Imperial Marinheiro Marcílio Dias, demonstraram iniciativa, coragem, bravura, patriotismo e espírito de sacrifício, valores próprios de quem jura defender a Pátria mesmo que com o sacrifício da própria vida, constituindo marcante expressão da nacionalidade brasileira.

Portanto, como mostra a capa desta edição, a Marinha, desde a Independência, contribuiu tanto para a defesa do País como para o desenvolvimento brasileiro em CT&I, contando com heróis do passado que se destacaram na Arte da Guerra e nas Ciências, transformando o presente e, assim, inspirando o futuro – como bem destacado no tema da Data Magna da Marinha deste ano em que celebramos o Bicentenário da Independência do Brasil. ■

José Henrique Salvi Elkfury

Contra-Almirante (Ref^o-FN) • Diretor Cultural

^(*) Versos de *Os Lusíadas*, de Luís Vaz de Camões